

REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 13 – Nº 27 – Janeiro – Julho 2018

Semestral

Artigo:

CHAPEUZINHO VERMELHO: (RE) LEITURA DE UMA VERSÃO DA CAPA

Autoras:

SCARIOT, Viviane Demetrio da Silva¹

ROSA, Andrea Cristina da²

¹ Doutoranda em Letras – UPF; Mestre em Letras - Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso – UPF, 2013; Professora da Rede Municipal e Particular em Sananduva – RS; Professora Particular de Redação e Língua Portuguesa; Revisora de textos; e-mail: vividds@yahoo.com.br

² Graduada em Licenciatura Infantil e Anos Iniciais, no curso de Pedagogia. Aluna do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Professora da Educação Infantil em Sananduva, RS; e-mail: andreacristinarosa@yahoo.com.br

CHAPEUZINHO VERMELHO: (RE) LEITURA DE UMA VERSÃO DA CAPA

Red Chaplet: (re) reading of a version of the cover

Resumo: O presente estudo apresenta uma análise de (re)leitura em uma das capas do conto de fadas: Chapeuzinho Vermelho. Como objetivo geral, buscamos demonstrar que a leitura é que constrói o sentido entre a relação do que está escrito com o que se pretende de fato repassar, ou seja, a visão crítica desencadeada pela interpretação. O embasamento da análise está fundada na leitura específica de contos de fadas desenvolvida por Bettelheim (1980) e Corso & Corso (2011). Para tanto, utilizaremos todo o contexto da capa selecionada, visando uma interpretação crítica, oportunizada pela leitura, bem como a construção do sentido. A pesquisa organizou-se de maneira descritiva e bibliográfica, baseou-se para análise do corpus nas categorias teóricas que abordam o conceito de leitura específico para contos de fadas. De forma geral, o estudo mostra que em qualquer relação comunicativa que envolva o processo constante e aperfeiçoado de leitura é possível atingir interpretações amplas de um mesmo objeto de análise, pois a leitura é uma forma de interação do autor com seus leitores, pequenos ou adultos, ou seja, com todos os públicos.

Palavras-chave: Chapeuzinho Vermelho. Leitura. Interpretação. Sentido.

Abstract: The present study presents a (re) reading analysis on one of the covers of the fairy tale: Little Red Riding Hood. As a general objective, we try to demonstrate that reading is what builds the meaning between the relationship of what is written with what we really want to pass through, that is, the critical vision triggered by interpretation. The basis of the analysis is based on the specific reading of fairy tales developed by Bettelheim (1980) and Corso & Corso (2011). To do so, we will use the entire context of the selected layer, aiming at a critical interpretation, opportunized by reading, as well as the construction of meaning. The research was organized in a descriptive and bibliographical way, was based for analysis of the corpus in the theoretical categories that approach the concept of specific reading for fairy tales. In general, the study shows that in any communicative relationship that involves the constant and improved process of reading it is possible to reach broad interpretations of the same object of analysis, since reading is a form of interaction of the author with his readers, small or adults, that is, with all audiences.

Keywords: Little Red Riding Hood. Reading. Interpretation. Sense.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como tema norteador a leitura crítica, percebida na capa de uma das versões do conto de fadas Chapeuzinho Vermelho. A delimitação por essa perspectiva de análise ocorreu em virtude de que a leitura é um elemento desencadeador da comunicação entre os homens, sem o qual não é possível existir relação social.

A contribuição desse estudo é percebida na medida em que se constata que a leitura assume seu papel quando é efetivada, ou seja, quando é utilizada por seres que buscam um “poder” pela palavra, através da troca de informações oportunizada pela interpretação de palavras e imagens, em diferentes contextos de produção e circulação.

A questão norteadora foi assim estabelecida: as relações entre as palavras selecionadas, amparadas nas imagens, desencadeiam o poder interpretativo de leitura crítica. Para tanto, será levado em questão o fato de que não somente a palavra escrita, mas também, e de maneira significativa, a imagem tem representatividade, pois apresenta elementos que auxiliam na interpretação crítica da capa da obra.

O objetivo geral deste artigo é mostrar que a leitura e interpretação da capa do conto de fada Chapeuzinho Vermelho é provocada pela junção da palavra mais imagem, uma vez que os termos específicos desta construção é que produzem sentido. A análise realizada permite evidenciar que esta capa apresenta traços específicos que podem ser acessados como links ao longo da leitura da obra completa, pois faz uma síntese dos elementos que mais são valorizados ao longo da estrutura do texto.

Os procedimentos metodológicos que dão suporte a este estudo referem-se à pesquisa descritiva, bibliográfica, com abordagem qualitativa. A estrutura deste trabalho está assim configurada: fundamentação teórica, na qual são apresentados os principais conceitos sobre leitura e contos de fadas; metodologia de pesquisa, seção esta em que são desenvolvidas as categorias relacionadas aos procedimentos metodológicos utilizados no estudo; análise do corpus, onde é possível relacionar a teoria apresentada com a prática; por fim, constam as considerações finais.

2 LEITURA E O REFLEXO NA CAPACIDADE CRÍTICA

Observando a situação da leitura hoje em nossa sociedade e considerando que o livro é parte fundamental à formação global do indivíduo, percebe-se que o trabalho de incentivar e formar leitores críticos e conscientes com relação ao mundo que os cerca é uma tarefa que depende de todos aqueles que têm nos livros uma ferramenta à construção do saber.

O livro é um objeto inserido em um contexto. Tem autoria, propósito, um tempo delimitado (de criação e circulação). Por isso a importância de se conhecer aquilo que se vai ler, dados do autor, época de publicação, contexto histórico no qual está inserido, entre outros fatores que despertam o gosto pela leitura. Somente executando diariamente a leitura é que o indivíduo poderá melhorar sua aprendizagem e qualidade de ensino nas mais vastas áreas do saber. Pois, existe a concepção de que a paixão pela fantasia começa muito cedo, nos

primeiros anos de vida, ou seja, não existe infância sem ela, e como a fantasia se alimenta da ficção, não existe infância sem ficção (CORSO & CORSO, 2011).

Com isso percebe-se que os livros tornam-se grandes amigos e aliados daqueles que buscam em suas páginas novas experiências e muitas viagens sem se deslocar do lugar. O livro representa, para quem é seu amante, uma complementação e um grande enriquecedor e companheiro em todas as horas.

A leitura precisa ser valorizada como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, a fim de que os leitores sejam capazes de recorrer aos materiais escritos, em função de diferentes objetivos. Deve ser percebida em suas diferentes dimensões, as quais envolve informação, lazer, fruição, formação, além de ampliar conhecimentos e horizontes, pois dessa forma ocorre um maior comprometimento do leitor com o contexto social que o cerca.

Os contos de fadas apresentam uma forma de leitura desafiadora e criativa, pois sempre “o objetivo do herói é readequar-se ao pequeno mundo, ao reino, geralmente equivalente à família da qual saiu. Seus efeitos só tem sentido por garantir uma volta triunfante a um lar, quer seja aquele que um dia ele abandonou de má vontade, ou a formação de um novo, similar àquele” (CORSO & CORSO, 2011, p. 178).

Dessa forma, aprender a ler passou a ser uma das condições básicas para vencer na vida e prosperar, visto que o leitor é detentor das informações necessárias. Aqui a leitura é um elemento de poder. Ao contrário, a ausência desta deixa o indivíduo em desvantagem. Ler é uma aventura em que as pessoas leem o que alguém escreveu. Nesse contexto, tal ato não se manifesta como uma atitude solitária, mas sim interativa. Implica numa troca recíproca entre indivíduos determinados: leitor e autor. Entre os dois se faz presente à enunciação e o diálogo.

A leitura de contos de fadas é instigante porque “coloca um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações” (Bettelheim, 1980, p. 15). Na realidade, o conto apresenta uma forma de leitura específica, porém o indivíduo somente costuma ler quando é do seu interesse. No entanto, não se podem esquecer valores positivos e absolutos oportunizados por estas estórias: proporcionar lazer, prazer, enriquecimento cultural e aquisição de conhecimento.

Dentro de um conceito mais amplo, ler não é simplesmente decodificar signos, mas é ter a capacidade de perceber o não dito, enxergar nas entrelinhas e desvendar as intenções ou ideologias que estão por trás de simples palavras. Com isso o leitor desprende dos signos

escritos as ideias e as imagens para transportá-las para dentro de sua mente. Dessa forma, a leitura passa a ser o meio de que o indivíduo dispõe para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade, porque informações que levam à reflexão crítica são indispensáveis à boa atuação do ser humano na era digital. Todo ser humano tem a capacidade intrínseca de aprender a ler, a partir de estímulos sociais recebidos e da transformação de códigos em funcionamento, como, por exemplo, o alfabeto.

A leitura, pensada num processo total de percepção e interpretação de sinais gráficos, é considerada como instrumento de comunicação entre os homens, constituindo-se num fator histórico cultural, que estabelece relações entre o presente e o passado. Ela reconstrói o meio em que vivemos e funciona como ajustamento, contribuindo à formação integral do ser humano através do pensamento e da postura pessoal e social. Por isso, o ato de ler configura-se como uma relação privilegiada com o real.

O ato de ler abre novos horizontes ao indivíduo que o pratica, por isso é necessário que se questione mais sobre leitura. Para isto, deve-se estar mais aberto, mais inquieto, mais vivo, mais ligado, mais provocador para repensar e analisar as situações de leitura que existem nos mais diversos segmentos de nossa sociedade.

Cada leitor tem suas particularidades e para tanto é necessário que suas aptidões sejam cultivadas e os gostos e necessidades sanados. Além disso, é importante também que sejam buscados novos gêneros de leitura, pois a diversidade inova e transforma ideias e conceitos. Ou seja, a leitura feita somente terá validade no momento em que trouxer novos conhecimentos e múltiplas habilidades para aquele que pratica o contato com a palavra escrita.

É possível afirmar que a leitura somente desempenha seu papel na construção cultural, no momento em que interage com quem está do outro lado: o leitor. O ensino e o êxito da leitura somente acontece e será completo se for possível disponibilizar materiais interessantes para o ato de ler. Isso somente é possível se a leitura desenvolver-se em um processo contínuo, prazeroso e agradável, remetendo o leitor, assim, a uma aventura inigualável pelo mundo das letras.

Além de ser uma tarefa prazerosa para os momentos de lazer a leitura também é uma importante arma na construção da cidadania. Aqueles que, por razões contrárias a sua vontade, não podem ter acesso a ela estão alienados e submissos na sociedade, não terão oportunidades de viver dignamente como seres humanos. Assim sendo, cabe ressaltar que

para se ter uma leitura de boa qualidade é necessário, antes de tudo, ter um conhecimento prévio de mundo e da obra com a qual se vai entrar em contato.

A leitura nos dá a segurança na construção da linguagem clara, dizendo o que queremos dizer. Para praticar bem, é preciso criar o hábito da leitura, com o intuito de obter informações, pois dessa forma tudo se tornará mais acessível. Quando o hábito da leitura é incentivado ao longo da vida de uma pessoa, com certeza ela se tornará um cidadão mais crítico e consciente de seus direitos e deveres perante a comunidade onde vive.

3 CONTOS DE FADAS: UMA LEITURA PARA TODAS AS IDADES

Historicamente, sabe-se que, antes do século XX, a leitura era elitizada, de difícil acesso, bastante obscura e complicada devido à existência de textos mal estruturados, formados de existência de palavras às vezes abreviadas, sem espaços e sem pontuação. Somente mais tarde é que a leitura se transformou numa prática social generalizada, tornando-se um elemento funcional à consolidação da burguesia enquanto classe dominante.

Atualmente, acontece uma preocupação de destacar e valorizar a leitura como grande instrumento na formação cultural do indivíduo, dando ênfase ao universo maravilhoso que se descortina através de múltiplos espaços. Com isso, destaca-se a importância da leitura durante todo o processo educacional, sendo ela responsável pelo favorecimento de uma atuação competente e habilidosa do cidadão no mundo em que vive.

O livro hoje é o instrumento que faz o registro da história através de conhecimentos e participação na sociedade como um todo. Trata de uma vasta diversidade textual, abordando os mais variados assuntos, sendo que sua leitura é condição primeira para realização individual de cada ser humano. Não existe uma fórmula específica para se começar a gostar de ler, mas o importante é que a decisão parta de cada pessoa em tirar alguns minutos do seu dia para o ato de ler. Com o passar do tempo a leitura vai tomar conta e, assim, mais um amante dos livros estará se formando.

A leitura de histórias, pode assim ser muito mais que cumprir de uma rotina de uma forma estereotipada e pouco rica. Ela pode ser uma atividade muito agradável fonte de inúmeras reflexões e partilhas de um elemento central na formação de “pequenos leitores” que conseguem aproveitá-la para ir muito mais além do que aquilo que está escrito nas páginas que a registram (MATA, 2008 p. 80).

A leitura faz parte de um processo que está historicamente ligado à educação, e a ela cabe a função de formar leitores e desenvolver o hábito de ler. Com isso a linguagem é fornecida e contribui para que o homem se identifique como ser humano, podendo assim comunicar-se, posicionar-se e trocar experiências com seu grupo social. A leitura é a maneira pela qual se formam cidadãos conscientes e críticos de seu importante papel na sociedade. Pois, nas páginas dos livros esquecem-se os problemas diários e mergulha-se em uma viagem pelo mundo da imaginação. Entrando em contato com bons livros o leitor sempre terá oportunidade de conhecer o novo, o inusitado, algo que não é comprado, mas conquistado.

Dessa maneira, afirma-se que “os contos de fadas mudaram porque nós mudamos, eles nos acompanham há séculos, trocam de roupa a cada nova geração e não parecem dar sinais de cansaço”, conforme CORSO & CORSO (2007, p 184). Ou seja, se a leitura for atrativa, prazerosa e trazer novidades será cultivada, não somente na infância, mas por toda a vida. Com base nisso, é possível afirmar que a leitura é a melhor maneira de incutir o lado crítico da realidade, pois é ela que nos remete aos mais amplos campos do saber.

Os contos de fadas retratam a realidade de uma maneira ficcional, ou seja, misturam a magia e o encanto para convencer seus leitores de que a estória apresentada merece ser lida, contada, repassada e analisada. Dessa maneira, é possível inferir que as grandes preocupações com o papel desempenhado pela leitura e com o domínio da escrita na moderna sociedade da informação estão presentes em nível mundial, ou seja, a leitura representa sim uma das mais rápidas vias de acesso a todo e qualquer conhecimento (BALÇA, 2005).

Hoje, mais do que nunca, a sociedade requer cidadãos que compreendam o significado de tudo o que os rodeia, reconhecendo principalmente o valor social e afetivo da realidade, além de possuírem a capacidade de percepção de variados pontos de vista e usufruírem criatividade. Tudo isso pode ser adquirido com a prática diária da leitura.

Segundo Linden (2011, p. 57), a capa “[...] transmite informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero... situando assim o leitor numa certa expectativa. Tais indicações podem tanto introduzir o leitor ao conteúdo, como levá-lo a uma pista falsa”. Neste sentido, a capa está impregnada de aspectos sociais, inseridos em uma determinada situação social que nunca se repete/atemporalidade/outro tempo, ou seja, foi produzida para um público alvo específico: os leitores.

Os contos são sempre resolutivos, isto é, eles sempre acabam com algum tipo de felizes para sempre... Ou seja, a mensagem é sempre tranquilizadora: é possível reorganizar um mundo em desordem, existe saída para a angústia e o desamparo. Apesar das aventuras inquietarem o leitor, isso é compensado pelo consolo de que no final tudo vai dar certo, vai ficar tudo bem... (CORSO & CORSO, 2011, p. 177).

A leitura deve ter algum tipo de sentido para o leitor, pois na literatura tudo é possível, visto que ela não retrata fielmente a realidade, mas dá margem a várias formas de interpretação. Todo leitor deve fazer da leitura um prazer e não uma obrigação. Através disso percebe-se que é o próprio leitor quem tem que buscar na leitura as várias fontes de inspiração que ela remete, as quais são utilizadas no cotidiano. É com a leitura que o indivíduo passa a interagir com maior criticidade no meio que o cerca, obtendo várias formas de conhecimento e ideologias.

É importante que a leitura de contos de fadas não seja cultivada somente no período em que se está no convívio escolar, mas sim por toda a vida, pois conhecimento e cultura que estas histórias repassam são quesitos nunca dispensáveis para o crescimento intelectual de qualquer ser humano. Com isso os problemas tornam-se mais amenos e de maior facilidade na resolução, pois a leitura abre as mais variadas opções de entendimento de uma mesma situação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada vale-se das pesquisas bibliográfica e descritiva que tem como autores centrais do estudo Bettelheim (1980) e Corso & Corso (2011), os quais apresentam apontamentos pertinentes relacionados ao desenvolvimento crítico da leitura, especificamente, em contos de fadas e, neste estudo, Chapeuzinho Vermelho.

Baseado nesses textos é que o estudo terá validade teórica e pertinente para chegar à prática, pois a partir dos conceitos selecionados é que serão feitas as análises que discorrerão sobre o processo de interpretação, através da leitura, no conto elencado. A análise desenvolve-se qualitativamente, ou seja, leva em conta o conteúdo – palavra e imagem - presente na capa do conto Chapeuzinho Vermelho.

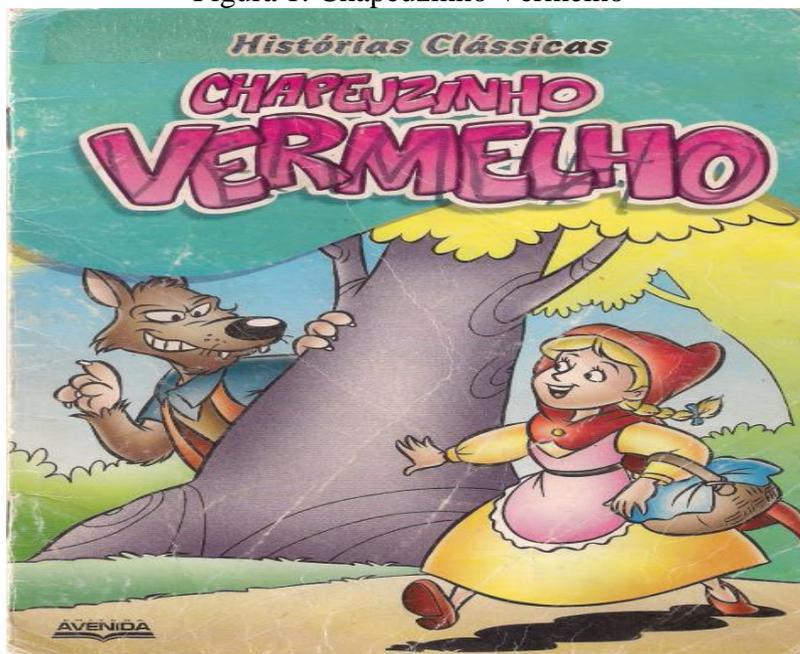
Os procedimentos metodológicos que integram o dispositivo de análise do corpus são baseados nas concepções de leitura, mais especificamente, nos contos de fadas, no caso Chapeuzinho Vermelho. Estas categorias demonstram que durante o processo de leitura é

necessário que os leitores estejam inseridos em um contexto que mescla a realidade e a ficção, em um universo que é mágico e, ao mesmo tempo, apresenta elementos tão verídicos que realizam uma crítica social pertinente.

5 ANÁLISE DA CAPA

A capa escolhida, para análise, do conto de fadas simplificado Chapeuzinho Vermelho é da editora Avenida, fundada em 2004, de uma gráfica na região sul do Brasil. Não há informação no livro a respeito de quem seria o autor da história, apenas da empresa que o ilustrou, a MW Editora e Ilustrações. Desde sua primeira versão, em 1697, a estória mescla elementos visuais muito inocentes, representados pela Chapeuzinho, com outros que remetem a poder, força, voracidade, simbolizados pela figura do lobo mau.

Figura 1: Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Escola.

O gênero textual capa, nos contos de fadas, é percebido como a porta de entrada da história, o ponto inicial que apresenta as marcas específicas que estruturam todo o enredo da obra. É representado pela capacidade de criatividade, objetividade, também requer atenção,

durante a elaboração e interpretação; o que mais desperta a imaginação do leitor são as imagens projetadas, através das cores, e as palavras escolhidas para tornarem a estória, desde a primeira impressão, atrativa.

Bettelheim (1980, p. 153) comenta que os contos de fadas “[...] começam exatamente onde a criança está emocionalmente, mostrando-lhe para onde ir e como fazê-lo.”. Ainda mais importante, eles o fazem “[...] na forma de material fantasioso que a criança pode moldar como lhe parecer melhor, e por meio de imagens que tornam mais fácil para ela compreender aquilo que é essencial que compreenda”. *Chapeuzinho Vermelho* é um livro infantil do gênero conto de fadas. Tal gênero também tem suas particularidades que acabam por estimular o interesse do público infantil até os dias atuais.

O substantivo *Chapeuzinho* e o adjetivo *Vermelho* utilizam elementos exteriores e anteriores a essa produção para que ela assuma o sentido pretendido. Para entender o sentido global quando é levada em conta a palavra mais a imagem, pois assim tanto autor quanto leitor tem uma visão ampliada das intenções linguísticas desse texto, que é classificado como conto clássico. Também é de suma importância estabelecer a ligação entre quem lê e quem escreve, pois a todo o momento um trabalha a palavra para satisfazer as expectativas do outro.

O processo que envolve o ato de ler, que não se esgota apenas na decodificação pura da linguagem escrita, se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Percebe-se, assim, que a compreensão do texto a ser alcançada pelo leitor por sua leitura crítica implica na percepção das relações que ele deve fazer entre o texto e o contexto, ou seja, a sua própria realidade.

“Pois bem, uma vez que procurarmos uma essência nos contos de fadas, das suas supostas propriedades intrínsecas, podemos dizer que eles se adaptam aos novos públicos e aos novos tempos”, (CORSO & CORSO, 2011, p, 184). Assim, constata-se que a leitura é um processo de moldagem, conforme o momento, o público e a obra, ou seja, uma constante (re)leitura daquilo que está expresso através de palavras ou imagens. E, ainda, pode-se acrescentar que o conto de fadas não necessita ter a presença explícita de fadas, porém é necessário que contenha algo de extraordinário, mágico, misterioso, isto é, elementos que surpreendam e, ao mesmo tempo, encantem seu público leitor (CORSO & CORSO, 2011).

Através da palavra *vermelho* estabelece-se uma troca mútua de informações que norteiam o sentido, pois esta cor é algo que todo ser humano precisa para viver, ou seja, símbolo do amor. “A leitura de histórias é uma atividade rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à linguagem escrita, em geral, e à leitura, de

uma forma específica”, (MATA, 2008, p.78). Sendo assim, desde o primeiro momento que se depara com o texto em questão é possível reconhecer nele elementos que remetem ao jogo da enganação.

O termo vermelho remete à PAIXÃO, pois essa cor é o símbolo do amor, da alegria, da vida e vendo a personagem em uma capa fica mais evidente o seu poder de amor. A imagem apresenta possíveis releituras reproduzidas através do contexto, uma vez que ela está impregnada de elementos construtores de sentido, pois observando sua relação com o contexto atual é importante reiterar que a mídia vende uma imagem de poder e subordinação.

De acordo com Linden (2011, p. 57), é na capa que ocorrem os “[...] primeiros olhares, primeiros contatos com o livro. Lugar de todas as preocupações de marketing, a capa constitui antes de mais nada, um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura”. Dessa forma, alguns elementos contribuem para que o conjunto da interpretação seja aquele de final feliz. A floresta representa liberdade, paz, harmonia, simplicidade, um lugar de serenidade onde reinam somente os seres da criação.

O chapeuzinho vermelho, usado pela menina da estória, é parte integrante da capa que cai sobre os ombros. Representa a cor da sedução, paixão, vivacidade, alegria, também pode ser compreendido como um acessório indispensável, o qual já faz parte, que caracteriza e nomeia a personagem principal deste tão famoso conto. Afinal, a vida é constituída de histórias, aquelas que nós vivemos, aquelas que repassamos aos outros e aquelas que são contadas para nós (CORSO & CORSO, 2011). Por isso que a cada leitura realizada mudamos nosso foco de entendimento e a estória assume outros significados.

“Algumas pessoas consideram que os contos de fadas não apresentam quadros de vida verdadeiros, e que, por conseguinte são poucos saudáveis” (BETTELHEIM, 1980, p 147). Devido a isso, recontar ou reler qualquer uma das capas dos contos clássicos é tarefa que requer cuidado e objetividade, pois os personagens imaginários, criados pela estória, confundem-se com os elementos presentes no cenário real. Com Chapeuzinho Vermelho não é diferente, pois ela representa toda a pureza e inocência da infância simples cercada pelo amor da família e pelos elementos da natureza.

O termo Chapeuzinho apresenta-se no diminutivo, pois representa uma menina, de porte pequeno, que ainda vive no mundo da inocência, ou seja, é o símbolo da pureza de uma época. Conforme Corso & Corso (2011, p. 178), “uma personagem frágil no início, triunfante no fim, que a princípio convoca pela pena, depois pelo sucesso”. Ela está marcada pelo uso

do seu chapéu vermelho, o qual representa a proteção do sol, do vento, da chuva, e, também de uma beleza escondida.

O lobo é percebido como o animal feroz, que tem muita força, é selvagem, gosta de sangue, figura de poder, masculino, simbólico. Este animal sempre quer “devorar suas presas” para mostrar que ele é detentor da última ação, que desencadeia no fim da narrativa. “Mas o lobo não é apenas o sedutor masculino. Também representa todas as tendências associadas e animais dentro de nós”, BETTELHEIM (1980, p. 209). Ou seja, o lobo, com a característica atribuída de “mau” representa uma personagem antagônica da estória, ou seja, alguém que não traz a narrativa o desfecho de tudo certo que o leitor espera. Com seu aparecimento acontece o momento de maior tensão, onde tudo é possível de acontecer.

O fato de ficar atrás de uma árvore, espiando e esperando o momento certo para fazer a abordagem significa que o lobo atrai as suas presas de maneira calma e sem alardes, pois Chapeuzinho nem se assustou com a sua presença, mesmo tendo sido alertada pela sua mãe. A grossura do tronco da árvore, que o lobo se escondia, simboliza que há anos ela está lá, ou seja, em uma área protegida da ação humana. Assim, a floresta representa um local de preservação verde e também lugar de mistérios. Esta capa representa a fragilidade e o poder da natureza, isto é, a cor vermelha da paixão, amor, de Chapeuzinho em contraste com a cor negra do lobo.

As letras vermelhas da capa do livro são iguais a cor da capa da Chapeuzinho Vermelho. O vestido apresenta um estilo mais antigo, foi feito pela sua avó, supostamente, com o uso do avental que aqui simboliza comida, higiene. As sapatilhas da menina descrevem simplicidade, pois é um calçado baixo, simples, sem muitos detalhes. O cabelo também é símbolo da estória, porque está penteado, organizado com tranças que descrevem aqui o cuidado e atenção da sua mãe para com ela.

Chapeuzinho Vermelho vive num lar de fartura que ela, como já ultrapassou a ansiedade oral, compartilha com a avó alegremente, levando-lhe comida. Para Chapeuzinho o mundo fora do lar paterno não é uma sela ameaçadora onde a criança não consegue encontrar o caminho. Existe uma estrada bem conhecida, da qual a mãe aconselha-a a não se desviar (BETTELHEIM, 1980, p. 207).

Assim, pode-se concluir que a menina, protagonista da estória, vive num mundo cercado pelos doces, pela abundância constante de todos aqueles alimentos que despertam o paladar. A comida também representa a gordura, o excesso, a fartura, simbolizada pela cesta repleta de guloseimas.

Os contos de fadas oferecem figuras nas quais as crianças pode externalizar o que passa em sua mente de modo controlável. Os contos de fadas mostram a criança de que modo ela pode personificar seus desejos destrutivos numa figura, obter satisfações desejados de outra, identificar-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta, e daí para adiante como requeiram suas necessidades momentâneas (BETTELHEIM, 1980, p. 82).

A ideologia social mostra que a vaidade e a beleza são lados de uma mesma moeda que vão construindo sentidos dependendo do seu uso na vida diária, toda mulher precisa desses atributos para conquistar o lado masculino e o texto analisado faz isso de forma magistral ao elencar como possibilidade a cor vermelha, além de mostrar uma inocente menina que faz um favor, como prova de amor, levando doces à vovozinha. Dessa forma, “na sociedade contemporânea duas missões que se contemplam são conferidas a escola; a primeira será promover a aprendizagem da leitura e a segunda formar leitores (BALÇA, 2005, p. 10)”. Assim, a leitura iniciada com as primeiras imagens da capa da estória, é ampliada para atingir versões mais complexas e significativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à análise da capa, foi possível constatar que essa produção leva em conta tanto a palavra como a imagem. O sentido estabelecido está adequado a um contexto específico que aborda elementos anteriores e exteriores ao momento desta produção, leitura e compreensão, ou seja, não é a primeira versão ilustrada da capa e, muito menos, será a última, pois tudo vai recriando-se, com o passar dos tempos, por necessidade de adequação.

A questão norteadora, nesse trabalho, fez-se presente e materializou-se do princípio ao fim, uma vez que não existe leitura crítica sem que os elementos anteriores e exteriores a esta produção estejam vinculados. Analisar uma versão da capa é muito mais do que uma interpretação daquilo que está posto, mas uma (re)leitura ampliada e amparada em conceitos significadores de sentidos.

O objetivo geral deste artigo acredita-se foi alcançado: mostrar que a leitura e interpretação da capa do conto de fada Chapeuzinho Vermelho é provocada pela junção da palavra mais imagem, uma vez que os termos específicos desta construção é que produzem sentido. A análise realizada permitiu evidenciar que tanto a palavra, quanto a imagem, apresentaram traços marcados, ou seja, elementos que faziam retomadas ao longo de toda a

interpretação e desencadearam na análise de leitura com aspectos críticos, de relevância social.

Aliando nesse trabalho teoria e prática, foi constatado que somente no momento em que ocorre a relação entre palavra e imagem, em um mesmo *corpus*, é que o processo de leitura crítica entra em funcionamento. Pois, é do conhecimento entre o autor do texto e o seu leitor que a mensagem interpretativa passa a ser efetivada, ou seja, relacionada com a prática diária.

As concepções de Bettelheim (1980) e Corso & Corso (2011), as quais fundamentaram a análise, são essenciais quando se pretende falar de leitura em contos de fadas. Esse trabalho contribuiu mostrando que as categorias de análise aqui elencadas estão presentes nas capas de muitos dos famosos e conhecidos mundialmente contos de fadas e podem servir de base para outras análises posteriores.

Essa análise foi apenas um esboço de estudo, pois os conceitos abordados podem e devem ser explorados com maior complexidade por toda e qualquer área do saber, pois são atuais e necessários a qualquer manifestação que aborde os contos de fadas completos ou fragmentados, como foi o caso dessa (re)leitura, a qual teve como *corpus* uma versão da capa.

REFERÊNCIAS

BALÇA, Ângela Coelho de Paiva. O feitiço da leitura: o papel da escola na formação de crianças leitoras. **Desenredo**, Passo Fundo, RS, v. 1, nº 1, p. 09-20, jan./jun. 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHAPEUZINHO VERMELHO. Local: Editora Avenida. [19--]. (Histórias Clássicas).

CORSO, Diana L. & CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca**. Porto Alegre: Penso, 2011.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MATA, Lourdes. **A Descoberta da Escrita**. Textos de Apoio para Educadores de Infância. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.